

POEMAS

PENHOR

Carlos Nejar

Amor, cobrado
dia a dia,
forjado na oficina
do pranto,
aceito no amanhã
do canto
que nele sempre mais
eu vou descendo.

Amor, cujo rebanho
eu apascento
no ar de meus cuidados
e vielas.
Já não posso gravá-lo,
se é matéria.
Colhê-lo, nunca é tempo
de semente.

Colhemos, nós, Amada,
o que perdemos.
Nascendo de cavar,
nos enterramos
em nossa guarnição
ou nos salvamos.

Amor — desembolsei
da morte, o espaço
para solver alguns
de meus guardados.
A tudo resgatei
no empenho de soldado.

Nada me é dado.
Os deuses só protegem
seus amados
e entre eles — não sou.
Conheço o preço
do amor, por desamor
e o privilégio
de muito conhecê-los
é tão breve.

Posso cumprir
uma exigência antiga
de meu sangue no teu:
clamores, passos.
Porém necessitava do repouso
de animal numa encosta;
da quietude
na caixa da guitarra;
da quietude das coisas
quando em sala.

Amor — outro valor não peço
nem mereço —
ameno ou sofrago,
não vassalo,
nem cúmplice de haveres.